






O ANO QUE NÃO TEM FIM: AS CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Solange Estanislau dos **SANTOS**
Licenciaturas em Física e Matemática
Instituto Federal de São Paulo
Caraguatatuba, SP, Brasil
solestani13@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-8515-6789> 

Marina Rebeca de Oliveira **SARAIVA**
Centro de Educação
Universidade Federal de Alagoas
Maceió, AL, Brasil
marina.saraiva@cedu.ufal.br
<https://orcid.org/0000-0002-2534-8295> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

31 de dezembro de 2019 – Registro de primeiro caso de covid-19 na China
7 de fevereiro de 2020 – Sancionada Lei de Quarentena no Brasil
26 de fevereiro de 2020– Primeiro caso de covid-19 registrado no Brasil
12 de março de 2020 – Primeira morte registrada no Brasil
20 de Março de 2020– Bolsonaro chama covid-19 de “gripezinha”
10 de abril de 2020– 1.000 mortes pela doença no Brasil
13 de novembro de 2020- Bolsonaro chama segunda onda de 'conversinha'
14 de novembro de 2020 - Mais de 1,3 milhão de mortos no mundo
11 de dezembro de 2020- 180.437 mortes pela doença no Brasil

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
[...] Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes.
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir. (Emicida)

Esse breve resumo dos principais fatos e dados em torno da pandemia de covid-19 que assola o mundo é assustador e serve de alerta para lembrar que estamos diante de um vírus mortal e de um desgoverno que ameaça a vida da população brasileira, ou seja, estamos vivendo uma crise epidemiológica e política que além de colocar o país em destaque pelo número alto de mortes, sofre com as falas do presidente “que nos

violentam, dia a dia, expressas por uma voz autoritária que, em seu tom, somado aos gestos, evidenciam o descaso em relação à população” (GOBBI, 2020¹).

Os dados e números não dizem tudo. E muitas vezes, escondem muito. Escondem as desigualdades que se intensificaram com a pandemia, escondem a necropolítica (MBEMBE, 2018) que mata todos os dias meninos e meninas negras, como no caso da morte do menino Miguel, cuja família aguarda julgamento da patroa branca que foi denunciada por abandono de incapaz; além das 12 crianças mortas por “balas perdidas”: Kauã Vitor da Silva, Leônidas Augusto, Luiz Antônio de Souza, Maria Alice Neves, João Vitor Moreira, Anna Carolina de Souza Neves, Douglas Enzo, Ítalo Augusto, João Pedro, Rebeca Beatriz e Emily Vitória, as mais recentes vítimas desse infanticídio. Sem contar as muitas mortes que não aparecem na grande mídia. Foram vidas breves, partidas pelas mãos de um Estado que ano após ano as mata, invisibiliza e marginaliza seus corpos. “Vidas ameaçadas que exigem justiça e ética” (ARROYO, 2019, p.240).

Não estamos sendo vítimas apenas de um vírus, somos vítimas das nossas escolhas, da nossa indiferença ou da nossa inércia. Estamos vivendo mais uma crise de muitas que já existiram e que ainda virão, que vai exigir de nós “um enfrentamento sério, global e sistemático ao capitalismo, colonialismo e neocolonialismo” (MANOEL, 2020).

O ano não acabou e parece não ter fim. Vivemos um ano que findará oficialmente no calendário, mas que carregaremos para o resto de nossas vidas. Os problemas que se intensificaram no país, desde o golpe de 2016, continuam fazendo parte da rotina brasileira:

As paredes continuam se erguendo cimentadas por corpos de mulheres assassinadas, de índios queimados, crianças violadas e mortas por balas perdidas, meninos e meninas que o amor e o sexo indefinido assombram e precisaram ser purificadas e espancadas pela sagrada ira vingativa do Senhor, de multidões de pessoas invisíveis e cinzas que perambulam pelas ruas, dormem sob as pontes e se aglomeram na praça no escuro de uma noite sem fim. [...] As paredes que cobrem os alicerces de ossos são naturalmente negras: forradas com a pele de ancestrais guerreiros, matéria prima barata do genocídio diário e milenar (IASI,2020).

“A humanidade está partida, fraturada, patológica” (MANOEL, 2020). E temos nas crises a oportunidade de subverter a lógica cruel imposta e criar outras possibilidades de (re) existências, aprendendo também com as crianças.

¹ Informação verbal proferida por Márcia Gobbi no II Seminário do GEPPECI - Pesquisas com/sobre crianças: o que fizemos e o que queremos? CEDU – UFAL. Dezembro de 2020.

A pandemia exige que sejamos solidários e que a vida do outro, mais do que nunca, depende das nossas ações. Como bem pontuou Boaventura: “A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos”. (SANTOS, 2020).

É preciso olhar e cuidar das pessoas, pensar e agir na coletividade, mesmo a distância. É tempo de luta! Luta por tantos que sofrem com as desigualdades sociais, as injustiças, o racismo, a homofobia, o feminicídio e tantas outras formas de exclusão e violência que continuam e atingem meninos e meninas.

A pandemia tem sido cruel com quem já sofria as barbaridades do processo aniquilador e desumanizador operados pelo neoliberalismo, os grupos marginalizados, que agora também são mais expostos a ameaça de um vírus que os impede de “ganhar” a vida nas ruas e na informalidade, de fazer de tudo um pouco para não morrer de fome. E nesse contexto se inserem milhares de brasileirinhos e brasileirinhas.

É necessário lembrar que as crianças são sujeitos sociais e culturais que agem, reagem e sofrem os impactos da realidade social. A partir da sua realidade e das relações estabelecidas com adultos/as e outras crianças, produzem cultura e interpretam os acontecimentos. Sendo assim, torna-se importante entender como as crianças estão experienciando e elaborando esse processo de isolamento social.

As crianças, acostumadas a passar boa parte do seu tempo nas creches, pré-escolas e escolas, agora estão exclusivamente no ambiente doméstico ou nas ruas, dependendo do contexto social em que vive, e nem sempre, esses espaços oferecem cuidado e proteção. O que exige a nossa vigilância para “Afirmar, defender o valor da vida humana” (ARROYO, 2019, p.144) e reinventar outras formas de pesquisar, educar, lutar e conhecer essas crianças.

[...] quando as opressões, subalternizações se sofisticam, quando as humanidades são roubadas pelo Estado, pela justiça criminalizadora, pelo condenar milhões à vidas ameaçadas, nos limites do viver-sobreviver, somos obrigados a reinventar as formas de pensar, reinventar os paradigmas epistemológicos e pedagógicos. (ARROYO, 2019, p. 20-21).

Uma dessas reinvenções necessárias é entender que o tempo da vida é mais importante do que qualquer produtividade ou aprendizagem. Que o tempo das crianças não deve ser mercadoria de um sistema cruel e excludente. Que “há muitos tempos entre os tempos, tempos do amor, da ciência, das artes”(KOHAN, 2018, p.89) e a infância habita esse tempo da vida humana, “intensivo, experiencial, o tempo do brincar, do pensar [...]” (KOHAN, 2018, p.86).

É pensando nessas muitas possibilidades de viver esses outros tempos em tempos de pandemia, que surgiram várias indagações: Se as crianças não estão nas instituições de educação infantil, onde estão? Com quem? O que estão fazendo? Como estão brincando? Como estão reinventando os modos de vida em tempos de isolamento social?

Foi a partir desses questionamentos que o grupo de estudos e pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis (GEPPECI) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) iniciou uma sequência de lives no seu instagram, que culminou num webnário² e se materializa na proposta deste dossiê³.

Na tentativa de conhecer um pouco como as diversas crianças estão vivendo as suas infâncias em tempos de pandemia, convidamos várias/os pesquisadoras/es de diferentes regiões do Brasil para contribuir com esse debate. Reunimos aqui 10 artigos que trazem um pouco a multiplicidade de experiências vivenciadas pelas infâncias brasileiras, portuguesa e italiana e que ajudam a descolonizar a concepção universal e abstrata de criança.

Abordaremos as vivências em tempos de pandemia das crianças quilombolas, sem terrinhas, negras, amazonenses, indígenas e dos bebês em Portugal. Assim como problematizaremos as questões que envolvem os corpos infantis, as lutas, os movimentos sociais e as desigualdades sociais.

Para iniciar, apresentamos a reflexão de Susanna Mantovani, pesquisadora italiana da Universidade de Milão-Bicocca/ Itália, importante pioneira na área da educação infantil dos/as *picolissimi/e*, que nos brinda com seu *depoimento sobre o fechamento das creches na Itália: como resistir a incerteza em tempos de pandemia?*⁴ Ao descrever a pesquisa que participou com o Instituto Superior de Saúde e relatar algumas iniciativas que estão acontecendo nas creches italianas, Susanna pontua que para entendermos esse momento é necessário pensar nas crianças concretas e que é preciso “ter esperança, porque é na resistência e na força das crianças que nós também podemos encontrar a esperança e a razão para não nos abatermos e para conseguirmos olhar para o futuro através delas”.

² I Webnário *Infâncias e Educação Infantil em tempos de pandemia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC78d98Iz2-iZa0v1W3qSnoQ>

³ O grupo também está organizando outro dossiê nesta mesma revista, intitulado “A educação infantil em tempos de pandemia” organizado por Cleriston Izidro dos Anjos e Fábio Hoffmann.

⁴ Queremos deixar registrado o nosso agradecimento à Ana Lúcia Goulart de Faria, pela generosidade e disponibilidade para mediar esse contato com Susanna Mantovani e por realizar a revisão de tradução. Agradecemos também a tradutora Daniela Vieira.

No primeiro artigo, convidamos Teresa Sarmiento da Uminho/PT para nos contar como os bebês estão vivendo o isolamento social em Portugal. Com o título: *“Queo a minha Shela, queo os amigos” – refletir o isolamento social de bebês em tempos de pandemia, na base de uma experiência vivida em Portugal*. Teresa e Daniela Silva discutem importantes questões relacionadas ao isolamento social de crianças de 0 a 3 anos em uma creche de Portugal. Considerando a relação indissociável entre educar e cuidar, o artigo apresenta uma análise importante que descreve as orientações e processos desenvolvidos por uma creche destacando os sentidos das crianças e a relação colaborativa entre pais e mães e educadores/as.

Nanci Helena Rebouças Franco da UFBA junto com Maria Patricia Figueiredo Soares assinam o segundo artigo, intitulado *“Um jeito negro de ser e viver”*: (re) inventando a vida no contexto da pandemia da Covid-19 – o que dizem as crianças negras e suas mães. As autoras analisam a vida de crianças negras de um Centro Municipal de Educação infantil da cidade de Salvador. O artigo reflete sobre o racismo e a desigualdade racial como um elemento estruturante da sociedade trazendo importantes referências teóricas e metodológicas para o eixo de estudos da infância e às questões raciais. Com exuberância de dados e rigor analítico, Franco e Soares mostram as estratégias individuais e coletivas imbricadas na vida de crianças negras, especialmente no contexto de pandemia.

O terceiro artigo *Crianças e mulheres e nós-nada: reflexões a partir das vidas em despejo no acampamento Campo Grande do MST*, Marcia Gobbi da USP, Juliana Diamante Pito do Nei/Unifesp e Simone Maria Magalhães Mileán do MST apresentam um panorama da pandemia, tecem críticas às falas proferidas pelo presidente da República e lamentam as mortes. Utilizam fotografias e imagens do despejo de famílias no Quilombo Campo Grande, do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), em Minas Gerais, Brasil e alertam para o fato de que “Os estudos desse tempo exigem atenção ao fato de que o vírus – SARS-COV-2 – tem gênero, etnia, classe social, raça, código postal e se instala com mais força em alguns grupos”.

Márcia Lúcia Anacleto de Souza da Prefeitura Municipal de Campinas/SP é a autora do quarto artigo, intitulado *(In)visíveis? Crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil*, no qual problematiza, como o próprio título já sugere, “como a infância quilombola tem sido invisibilizada na atual conjuntura de crise sanitária, política e econômica no Brasil, no contexto da pandemia causada pela Covid-19”. Enfatiza a concepção que “As crianças quilombolas, em diferentes territórios, são sujeitos atuantes e protagonistas sociais”, mas sofrem o racismo e ausência do Estado na garantia do seu

direito à vida. Sugere que “um caminho para a superação da necropolítica é a rearticulação das forças que surgem do próprio tecido social”.

As crianças sem terrinha e o enfrentamento à pandemia de covid-19: como brincar, sorrir e lutar nesse contexto? é o quinto artigo escrito por Márcia Mara Ramos (Doutoranda-UERJ), Valter de Jesus Leite (Doutorando-UEM) e Janaína Ribeiro de Rezende da UFT. O autor e as autoras nos convidam a refletir sobre o lugar das crianças Sem Terra diante da pandemia. Considerando que são poucas as pesquisas com crianças que abordam seus lugares no campo político e econômico bem como o papel delas nos movimentos sociais, o artigo traz um importante estudo mostrando de maneira objetiva o impacto de questões estruturais políticas e econômicas mais amplas sobre a vida das crianças do campo, em especial as Sem Terrinha. Além disso, apresenta algumas ações desenvolvidas com essas crianças durante a pandemia.

No sexto artigo, Miriam Lange Noal e Denise Silva da UFMS intitularam: *Crianças pequenas terena: reencontros ancestrais em tempos de pandemia*, e descrevem as particularidades que permeiam a experiência da infância indígena terena em contexto de pandemia. Realizada em quatro aldeias indígenas localizadas no município de Miranda (MS), a pesquisa teve como objetivo coletar registros de narrativas de crianças pequenas e conta com os desafios metodológicos próprios do contexto de isolamento que impede o deslocamento e presença física na aldeia para coleta de dados. Nesse sentido, além do rico material que busca mostrar como as crianças terena tem vivenciado o contexto da pandemia, também traz importantes pistas metodológicas para pesquisa com crianças em contexto de pandemia.

Célia Ratusniak da Unicentro, Ivanilde dos Santos Mafra da Fundação de Vigilância em saúde (Manaus-AM) e Vanderlete Pereira da Silva da UEA escreveram o sétimo artigo *A travessia das infâncias no Amazonas no contexto de distanciamento social* e levantam aspectos gerais relacionados à assistência e ao cuidado para as diferentes infâncias (indígenas, caboclas, negras, migrantes, entre outras) encontradas no estado do Amazonas. Recortando casos significativos publicitados na mídia, as autoras mostram que o impacto da pandemia para essas crianças é ainda maior e que a covid-19 é mais um elemento que se soma a outros contextos que colocam a vida das crianças em risco.

O oitavo artigo, escrito por Fernanda Cristina de Souza do IFSP/integrante do Fórum Paulista de Educação Infantil, intitulado *É preciso erguer a voz: diálogos sobre movimentos sociais, infâncias e pandemia* nos provoca a pensar o papel dos movimentos sociais de luta pela educação infantil que neste momento de pandemia

também deve lutar pelo direito à vida e ressalta a importância de considerar “a interseccionalidade entre as categorias de raça, classe, gênero e deficiência sejam elementos fundamentais para orientar as defesas dos direitos dos bebês e crianças”.

No nono artigo *Desigualdade e pandemia nas vidas das brasileiras e brasileiros*, Elina Elias de Macedo da Ufscar instiga o debate sobre a relação de reciprocidade entre as crianças pequenas e a sociedade de classes, ao apresentar os efeitos da crise capitalista e sanitária na vida das crianças. Alerta para o fato de que estão ameaçadas as conquistas de protagonismo das crianças e a possibilidade de uma educação emancipatória.

Um olhar para o(s) corpo(s) das crianças em tempos de pandemia é o título do décimo artigo escrito por Márcia Buss-Simão da UFSC e Juliana Schumacher Lessa da UDESC que debatem os impactos da pandemia e do distanciamento social sobre os corpos infantis. Ao discorrer sobre os direitos das crianças, as autoras trazem a discussão sobre necropolítica e necropoder para pensar as desigualdades sociais acirradas pela pandemia. E propõem “pensar e atuar a partir de um projeto educativo essencialmente anticlassista, antirracista, feminista e emancipatório”.

Os debates são tão urgentes, que além dos artigos, o dossiê traz na seção Outras Linguagens, os ensaios visuais: *Desaprender a cada tempo em tempos dogmáticos: crianças, artes e outros contágios* de autoria de César Donizetti Pereira Leite da Unesp/Rio Claro e de Andréia Regina de Oliveira Camargo da Unifesp. O texto, transgressor e poético, nos impulsiona ao desconhecido e nos convida “à travessia por caminhos ainda não trilhados, à composições aforísticas, crianceira e arteira que nos coloca em movimento, permitindo adentrar temporalidades e espacialidades contagiantes que mobilizem experiências sensíveis de pensamentos para outras formas de estar no mundo e na educação em tempos de pandemia.”; O outro ensaio: *Retratos da pandemia no bairro da levada: infância e crise em um “bairro de periferia* de Alana Barros Santos (PPGS/UFAL) foi ao encontro das “crianças que povoam esse bairro e [observou] como suas infâncias têm sido produzidas e reinventadas no contexto de crise”. Destaca para o fato de que elas vivenciam suas “infâncias durante a pandemia fabulando, imaginando e brincando com suas realidades, por vezes, desiguais e desafiadoras”.

Para fechar o dossiê, divulgamos três resenhas que nos ajudam a pensar as crianças, suas infâncias e educação para além da pandemia: Wilma Rigolon apresenta a obra *Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças* organizada por Alex Barreiro; Nélia Aparecida da Silva Cavalcante e Ana Lúcia Goulart de Faria; Vivian

Esteves Colella resenha o livro "*Isso aí é rachismo!*" *Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras* organizado por Adriana Alves Silva; Ana Lúcia Goulart de Faria e Daniela Finco. E para encerrar, Fabiana Oliveira Canavieira nos brinda com o livro *A vida não é útil* de Ailton Krenak.

Gostaríamos que este dossiê contribuisse para descolonizar o olhar para as diversas crianças brasileiras que vivem suas experiências em diferentes cantos desse país, e sofrem as crueldades desse sistema e dessa necropolítica (MBEMBE, 2018), reagindo, subvertendo, (re)criando outras possibilidades de existências e de educação.

Estamos vivendo tempos difíceis, de fome, de solidão, de doença, de mortes. Estamos em luto! E em luta! Nossa principal luta é pela preservação da vida. E essa luta deve ser de todos/as educadores/as, pois "Resistir em defesa da educação pública exige resistir a vidas ameaçadas" (ARROYO, 2019, p.27-8).

Assim como Arroyo (2019, p.24) consideramos que "a exigência ética da educação e [da] docência [é]: o que fazer para que as vidas [das crianças] mereçam ser vividas", isto é, "Com que pedagogias garantir aos sujeitos desses corpos precarizados seu direito a saberem-se precarizados no sobreviver?" ou ainda: "Que estruturas os condenam a esses corpos-vidas precarizados? Como fortalecer suas resistências como coletivos em lutas por vida justa, humana?" (ARROYO, 2019, p.13).

Com "pedagogias descolonizadoras para problematizar e tensionar todas as formas de opressão". Uma Pedagogia antifascista, antiadulocêntrica, antimachista e antirracista, como bem nos propõe Ana Lúcia Goulart de Faria (2020).

Precisamos aprender com os bebês e as crianças quilombolas, negras, indígenas, sem terras, amazonenses, ribeirinhas, imigrantes a produzir novas formas de vida, e nos libertar da

[...] ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas. Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível. (SANTOS, 2020).

E quando mais uma crise surgir, vamos ter aprendido com as crianças outros ensaios de humanidade⁵.

Terminamos com a esperança das resistências das crianças, que diariamente encontram nos becos da vida, formas de (re) existências.

⁵ Fazendo referência a ideia de Milton Santos de que não temos ainda uma humanidade, apenas ensaios.

Boa leitura a todos e todas!

Solange Estanislau dos Santos
Marina Rebeca Saraiva
Dezembro do ano que não tem fim: 2020

REFERÊNCIAS

- AMARELO. **É tudo pra ontem**. Intépretes: Emicida, Pablo Vittar e Majur. Compositores: Emicida et al. In: AmarElo. São Paulo: Gravadora: Sony Music Entertainment / Laboratório Fantasma, 2019. Álbum, faixa 10. (8min53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uJcjV6g5mV8&list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6yI2IRXdSfluxMt-s&index=9>. Acesso em: 10 dez.2020.
- ARROYO, Miguel. **Vidas ameaçadas**: exigências- respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis,RJ: Vozes, 2019.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Erguer a voz!** As vozes de bebês e crianças em diálogo com a Pedagogia da Infância. 20/08/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=34C_xayDAFw . Acesso em: 9 dez. 2020.
- GOBBI, Márcia Aparecida. **Pesquisas com/sobre crianças em tempos de pandemia**. 2020. Vídeo (2h15min49s) In: II Seminário do GEPPECI - Pesquisas com/sobre crianças: o que fizemos e o que queremos? CEDU – UFAL. Dezembro de 2020. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=y5Z3StBhPbI&feature=youtu.be>. Acesso em: 9 de dez. 2020.
- IASI, Mauro. **Os três espelhos**. 3/6/2020. Disponível em:<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/03/os-tres-espelhos/>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- KOHAN, Walter Omar. A infância descolonizadora do tempo. In: SANTOS, Solange Estanislau dos; SANTIAGO, Flávio; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina Elias de; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Pedagogias descolonizadoras**: por uma educação emancipatória desde o nascimento. Maceió: EDUFAL, 2018, p.85-98.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MANOEL, Jones. **A humanidade partida**: reflexões fanonianas sobre a pandemia. 02/06/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/02/a-humanidade-partida-reflexoes-fanonianas-sobre-a-pandemia/> . Acesso em: 9 dez. 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Coronavírus**: tudo que é sólido desmancha no ar. 02/04/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/02/coronavirus-tudo-o-que-e-solido-desmancha-no-ar/>. Acesso em: 9 dez. 2020.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

O ANO QUE NÃO TEM FIM: AS CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Solange Estanislau dos Santos

Doutorado em Educação
Instituto Federal de São Paulo
Caraguatatuba, SP, Brasil
solestani13@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8515-6789>

Marina Rebeca de Oliveira Saraiva

Doutorado em Antropologia Social
Centro de Educação
Universidade Federal de Alagoas
Maceió, Brasil

marina.saraiva@cedu.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-2534-8295>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua doze n.385, Pontal de Santa Marina, Caraguatatuba, SP. CEP: 11672220

Rua Comer. José Pontes de Magalhães, 258 – Ed. Sarandi ap.201 - Jatiúca, Maceió/Alagoas- Brasil, CEP: 57.036-250

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os autores e autoras pelas valiosas contribuições com o debate proposto pelo dossiê; À revista Zero-a-Seis por aceitar a proposta; Aos pareceristas pela disponibilidade; ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis (GEPPECI-UFAL) e a Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria do Gepedisc-linha Culturas infantis (Unicamp) pela generosidade e apoio para a concretização deste dossiê.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: S. E. Santos, M. R. O. Saraiva

Coleta de dados: S. E. Santos, M. R. O. Saraiva

Análise de dados: S. E. Santos, M. R. O. Saraiva

Discussão dos resultados: S. E. Santos, M. R. O. Saraiva

Revisão e aprovação: S. E. Santos, M. R. O. Saraiva

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 12-12-2020 – Aprovado em: 12-12-2020